

PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DA FÉ

I Que existe um Deus, um ser pessoal, espiritual, criador de todas as coisas, onipotente, onisciente e eterno, infinito em sabedoria, santidade, justiça, bondade, verdade e misericórdia; imutável e presente em todo lugar por seu representante, o Espírito Santo. Salmo 139: 7.

II Que existe um Senhor Jesus Cristo, o Filho do Pai Eterno, aquele por quem ele criou todas as coisas e por quem elas consistem; que ele assumiu a natureza da semente de Abraão para a redenção de nossa raça caída; que ele habitou entre os homens, cheio de graça e verdade, viveu nosso exemplo, morreu nosso sacrifício, ressuscitou para nossa justificação, subiu ao alto para ser nosso único mediador no santuário no céu, onde, pelos méritos de seu sangue derramado, ele assegura o perdão e o perdão dos pecados de todos aqueles que penitentemente vêm a ele; e como parte final de sua obra como sacerdote, antes de assumir seu trono como rei, ele fará a grande expiação pelos pecados de todos esses, e seus pecados serão apagados (Atos 3:19) e levados para longe de o santuário, como mostrado no serviço do sacerdócio levítico, que prenunciava e prefigurava o ministério de nosso Senhor no céu. Veja Levítico 16; Hebreus 8: 4, 5; 9: 6, 7; etc.

III Que as Escrituras Sagradas, do Antigo e do Novo Testamentos, foram dadas por inspiração de Deus, contêm uma revelação completa de sua vontade ao homem e são a única regra infalível de fé e prática.

IV Que o batismo é uma ordenança da igreja cristã, para seguir a fé e o arrependimento, uma ordenança pela qual comemoramos a ressurreição de Cristo, pois, por esse ato, mostramos nossa fé em sua morte e ressurreição e, por meio disso, da ressurreição de todos os santos no último dia; e que nenhum outro modo representa adequadamente esses fatos além do que as Escrituras prescrevem, a saber, imersão. Romanos 6: 3-5; Colossenses 2:12.

V Que o novo nascimento compreende toda a mudança necessária para nos ajustar ao reino de Deus e consiste em duas partes; Primeiro, uma mudança moral provocada pela conversão e uma vida cristã (João 3: 3, 5); segundo, uma mudança física na segunda vinda de Cristo, pela qual, se mortos, somos ressuscitados incorruptíveis e, se vivos, somos transformados em imortalidade em um momento, num piscar de olhos. Lucas 20:36; 1 Coríntios 15:51, 52.

VI Acreditamos que a profecia é parte da revelação de Deus ao homem; que está incluída na escritura que é proveitosa para a instrução, 2 Timóteo 3:16; que é projetada para nós e nossos filhos. Deuteronômio 29:29; que, longe de estar envolta em mistério impenetrável, é o que constitui especialmente a palavra de Deus, uma lâmpada para nossos pés e uma luz para nosso caminho, Salmo 119: 105, 2 Pedro 2:19; que uma bênção é pronunciada sobre quem a estuda, Apocalipse 1: 1-3; e que, conseqüentemente, deve ser entendida pelo povo de Deus o suficiente para mostrar a eles sua posição na história do mundo e os deveres especiais exigidos em suas mãos.

VII Que a história do mundo, de datas especificadas no passado, a ascensão e queda de impérios e a sucessão cronológica de eventos até a criação do reino eterno de Deus, está descrita em inúmeras grandes cadeias de profecias; e que essas profecias agora estão todas cumpridas, exceto as cenas finais.

VIII Que a doutrina da conversão do mundo e de um milênio temporal é uma fábula dos últimos dias, calculada para levar os homens a um estado de segurança carnal e fazer com que sejam vencidos pelo grande dia do Senhor como por um ladrão à noite (1 Tessalonicenses 5: 3); que a segunda vinda de Cristo deve preceder, não seguir, o milênio; pois até que o Senhor apareça, o poder papal, com todas as suas abominações, deve continuar (2 Tessalonicenses 2: 8), o trigo e o joio crescem juntos (Mateus 13:29, 30, 39), e os homens maus e sedutores pioram e pioram, como a palavra de Deus declara. 2 Timóteo 3: 1, 13.

IX Que o erro dos adventistas em 1844 se refere à natureza do evento que ocorreu depois, e não ao tempo; que nenhum período profético é dado para alcançar o segundo advento, mas que o mais longo, os dois mil e trezentos dias de Daniel 8:14, terminou em 1844 e nos levou a um evento chamado purificação do santuário.

X. Que o santuário da nova aliança é o tabernáculo de Deus no céu, do qual Paulo fala em a partir de Hebreus 8, e do qual nosso Senhor, como grande sumo sacerdote, é ministro; que este santuário é o antítipo do tabernáculo mosaico e que a obra sacerdotal de nosso Senhor, a ele associada, é o antítipo da obra dos sacerdotes judeus da antiga dispensação (Hebreus 8: 1-5, etc.); que este, e não a terra, é o santuário a ser purificado no final dos dois mil e trezentos dias, o que é chamado de purificação neste caso, como no tipo, simplesmente na entrada do sumo sacerdote no lugar santíssimo do tabernáculo, para terminar a rodada de serviço a ele associada, fazendo a expiação e removendo do santuário os pecados que lhe haviam sido transferidos por meio da ministração no primeiro compartimento (Levítico 16; Hebreus 9:22, 23) ; e que esse trabalho no antítipo, começando em 1844, consiste em realmente apagar os pecados dos crentes (Atos 3:19), e ocupa um espaço de tempo breve, mas indefinido, em cuja conclusão o trabalho de misericórdia para o mundo será terminado, e o segundo advento de Cristo ocorrerá.

XI Que os requisitos morais de Deus são os mesmos para todos os homens em todas as dispensações; que estes estão sumariamente contidos nos mandamentos falados por Jeová no Sinai, gravados nas tábuas de pedra e depositados na arca, que em consequência foi chamada de “arca da aliança”, ou testamento. Números 10:33, Hebreus 9: 4, etc. ; que esta lei é imutável e perpétua, sendo uma transcrição das tábuas depositadas na arca no verdadeiro santuário do alto, que também é, pela mesma razão, chamada arca do testamento de Deus; pois, ao som da sétima trombeta, somos informados de que “o templo de Deus foi aberto no céu, e no templo dele foi vista a arca do seu testamento”. Apocalipse 11:19.

XII Que o quarto mandamento desta lei exige que dediquemos o sétimo dia de cada semana, comumente chamado sábado, à abstinência de nosso próprio trabalho e ao desempenho de deveres sagrados e religiosos; que este é o único sábado semanal

conhecido na Bíblia, sendo o dia que foi separado antes da perda do paraíso, Gênesis 2: 2, 3, e que será observado no paraíso restaurado, Isaías 66:22, 23; que os fatos nos quais a instituição do sábado se baseia a limitam ao sétimo dia, pois não são verdadeiros em nenhum outro dia; e que os termos, sábado judaico e sábado cristão, aplicados ao dia de descanso semanal, são nomes de invenção humana, de fato não bíblicos e falsos em significado.

XIII Que como o homem do pecado, o papado, pensou em mudar os tempos e as leis (as leis de Deus), Daniel 7:25, e enganou quase toda a cristandade em relação ao quarto mandamento, encontramos uma profecia de uma reforma nesse respeito deve ser feito entre os crentes pouco antes da vinda de Cristo. Isaías 56: 1, 2; 1 Pedro 1: 5, Apocalipse 14:12, etc.

XIV Que os seguidores de Cristo devem ser um povo peculiar, não seguindo as máximas, nem se conformando aos caminhos do mundo; não amando seus prazeres nem prestando atenção a suas loucuras; na medida em que o apóstolo diz que “todo aquele que assim for” nesse sentido, “um amigo do mundo, é inimigo de Deus” (Tiago 4: 4); e Cristo diz que não podemos ter dois senhores, ou, ao mesmo tempo, servir a Deus e a Mamom. Mateus 6:24.

XV Que as Escrituras insistem na clareza e modéstia do vestuário como uma marca proeminente de discipulado naqueles que professam ser os seguidores de Aquele que era "manso e humilde de coração", que o uso de ouro, pérolas e arranjos caros, ou qualquer coisa destinada meramente a adornar a pessoa e a promover o orgulho do coração natural deve ser descartada, de acordo com escrituras como 1 Timóteo 2: 9, 10; 1 Pedro 3: 3, 4.

XVI Que os recursos para apoio ao trabalho evangélico entre os homens deve ser contribuído pelo amor a Deus e ao amor das almas, não criado por loterias da igreja ou por ocasiões destinadas a contribuir para as propensões do pecador que gostam de diversão e que apetece o apetite, como feiras e festivais, jantares de ostras, chá, vassouras, burros e loucuras sociais, etc., que são uma vergonha para a igreja professada de Cristo; que a proporção da renda necessária na dispensação anterior não pode ser menor sob o evangelho; que é o mesmo que Abraão (cujos filhos somos, se somos de Cristo, Gálatas 3:29) pagou a Melquisedeque (tipo de Cristo) quando ele lhe deu um décimo de tudo (Hebreus 7: 1-4); o título é do Senhor (Levítico 27:30); e esse décimo da renda de alguém também deve ser complementado por ofertas daqueles que são capazes, para apoio do evangelho. 2 Coríntios 9: 6; Malaquias 3: 8, 10.

XVII Que, como o coração natural ou carnal está em inimizade com Deus e sua lei, essa inimizade só pode ser subjugada por uma transformação radical dos afetos, pela troca de ímpios por santos princípios; que essa transformação segue arrependimento e fé, é a obra especial do Espírito Santo e constitui regeneração ou conversão.

XVIII Que como todos violaram a lei de Deus, e não podem por si mesmos obedecer às justas exigências de Deus, somos dependentes de Cristo, primeiro, para justificação de

nossas ofensas passadas e, em segundo lugar, para a graça pela qual prestar obediência aceitável a sua santa lei até o tempo de sua vinda.

XIX Que o Espírito de Deus foi prometido a se manifestar na igreja através de certos dons, enumerados especialmente em 1 Coríntios 12 e Efésios 4; que esses dons não foram projetados para substituir a Bíblia, que é suficiente para nos tornar sábios para a salvação, assim como a Bíblia não pode substituir o Espírito Santo; que ao especificar os vários canais de sua operação, esse Espírito simplesmente providenciou sua própria existência e presença com o povo de Deus até o fim dos tempos, para levar a um entendimento da palavra que ele inspirou, para convencer do pecado, e trabalhar uma transformação no coração e na vida; e que aqueles que negam ao Espírito seu lugar e operação, negam claramente a parte da Bíblia que lhe atribui esse trabalho e posição.

XX Que Deus, de acordo com seu tratamento uniforme com a raça, envia uma proclamação da aproximação do segundo advento de Cristo; que esta obra é simbolizada pelas três mensagens de Apocalipse 14, a última trazendo um chamado à obra de reforma da lei de Deus, para que seu povo possa adquirir uma prontidão completa para esse evento.

XXI Que o tempo da purificação do santuário (ver proposição X), sincronizado com o tempo da proclamação da terceira mensagem, é um tempo de julgamento investigativo, primeiro com referência aos mortos e no final da provação com referência a os vivos, para determinar quem das miríades que agora dormem no pó da terra é digno de uma parte na primeira ressurreição, e quem de suas multidões vivas é digno de transladação, que devem ser determinados antes que o Senhor apareça.

XXII Que a sepultura, para onde todos tendemos, expressa pelo sheol hebraico e pelo grego hades, é um lugar de trevas em que não há trabalho, artifício, sabedoria ou conhecimento. Eclesiastes 9:10.

XXIII Que o estado ao qual somos reduzidos pela morte é de silêncio, inatividade e inconsciência total. Salmo 146: 4; Eclesiastes 9: 5, 6; Daniel 12: 2, etc.

XXIV Que a humanidade deve ser trazida para fora desta prisão por uma ressurreição corporal; os justos participando da primeira ressurreição, que ocorre no segundo advento de Cristo, os iníquos na segunda ressurreição, que ocorrem mil anos depois. Apocalipse 20: 4-6.

XXV Que, no último trunfo, os justos vivos serão transformados em um momento, num piscar de olhos, e com os justos ressuscitados serão arrebatados para encontrar o Senhor no ar, para sempre estar com o Senhor.

XXVI Que esses imortalizados são levados para o Céu, para a Nova Jerusalém, a casa do Pai na qual existem muitas mansões, João 14: 1-3, onde reinam com Cristo mil anos, julgando o mundo e os anjos caídos, isto é, repartindo a punição a ser executada sobre eles no final dos mil anos; Apocalipse 20: 4; 1 Coríntios 6: 2, 3; que durante esse tempo a Terra se encontra em uma condição desolada e caótica, Jeremias 4: 20-27, descrita,

como no começo pelo termo grego poço sem fundo (Septuaginta de Gênesis 1: 2); e que aqui Satanás é confinado durante os mil anos, Apocalipse 20: 1, 2, e aqui finalmente destruído, Apocalipse 20:10; Malaquias 4: 1; o palco da ruína que ele produziu no universo, sendo apropriadamente transformado por um tempo em sua sombria prisão e depois no local de sua execução final.

XXVII Que no fim dos mil anos, o Senhor desce com seu povo e a Nova Jerusalém, Apocalipse 21: 2, os mortos ímpios ressuscitam e sobem à superfície da terra ainda não renovada, e se reúnem contra a cidade, no acampamento dos santos, Apocalipse 20: 9, e Deus desce fogo do céu e os devora. Eles são consumidos raiz e ramo, Malaquias 4: 1, tornando-se como se não tivessem existido. Obadias 15, 16. Nesta destruição eterna da presença do Senhor, 2 Tessalonicenses 1: 9, os iníquos enfrentam o castigo eterno ameaçado contra eles, Mateus 25:46. Esta é a perdição de homens ímpios, o fogo que os consome sendo o fogo para o qual “os céus e a terra que agora são” são guardados, que derreterão até os elementos com sua intensidade e expurgarão a terra da mais profunda mancha da maldição do pecado. 2 Pedro 3: 7-12.

XXVIII Que um novo céu e terra brotará pelo poder de Deus das cinzas da antiga, para ser, com a Nova Jerusalém por sua metrópole e capital, a eterna herança dos santos, o lugar onde os justos habitarão cada vez mais. 2 Pedro 3:13; Salmo 37:11, 29; Mateus 5: 5.

Fonte: <https://m.egwwritings.org/en/book/931.4#26>